

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## “UMA PEDAGOGIZAÇÃO DOS CORPOS”: SEXUALIDADE NA IMPRENSA DE GRANDE CIRCULAÇÃO, O CASO DA REVISTA VEJA (1982 –1986).

Lucas de Sousa Moreira

Mestrando em História Social no Programa de Pós- Graduação em História Social da  
Universidade Federal do Ceará — UFC.

Email: [lucassm190@gmail.com](mailto:lucassm190@gmail.com)

### RESUMO:

O presente trabalho busca refletir a respeito da sexualidade, no contexto epidêmico da aids, sob recorte, os anos de 1982 à 1986. Para se estabelecer tal reflexão, propomos um diálogo entre uma bibliografia interdisciplinar e uma fonte, a revista *Veja*. Revista esta, que enquanto mercadoria, está ligada ao consumo informacional no Brasil, possuindo uma ampla circulação nacional. A escolha desta fonte, resulta do entendimento de ela que não só testemunha, registra e veicula nossa história, mas está intrinsicamente ligada a formação do país. Assim, nos possibilita pensar historicamente sobre o modo pelo qual as relações entre a aids e a sexualidade culminou em um discurso crítico sobre os corpos, aqui, em específico, o corpo do homossexual. Almejamos então, problematizar as narrativas sobre aids, evidenciando como elas construíram o corpo do homossexual como enfermo, sexuado e marcado por um discurso de culpa. A metodologia aplicada consistiu na análise discursiva das matérias da revista *Veja*.

### INTRODUÇÃO

Quando o vírus da AIDS, a chamada síndrome da imunodeficiência adquirida, começou a ceifar vidas de homossexuais alguns anos atrás, os cientistas encarregado de combater-lo em todo o mundo conviviam com uma preocupação adicional: não gerar pânico coletivo com a propagação da idéia de que a doença poderia atingir, indistintamente qualquer pessoa, a despeito de suas preferências sexuais, de seu sexo, de sua raça ou de sua idade (...) A educação sexual nos dias de hoje pode significar a diferença não mais entre um ou outro tipo de comportamento, mas entre a vida e a morte.<sup>1</sup>

O trecho acima está presente na Revista *Veja*, em 12 de novembro de 1986. Nesta matéria especial, cujo título foi *A terceira onda* e subtítulo *Batizada de “peste gay”, a AIDS saltou do círculo homossexual e já é vista como “catástrofe”*, a discussão estabelecida, apoiada nas postulações científicas, sugere uma alteração comportamental a partir do “salto” da doença de um grupo populacional, os homossexuais. A matéria discute aspectos vinculados à sexualidade, bem como, a sua relação com a aids<sup>2</sup>. Partindo

---

<sup>1</sup> VEJA. *A terceira onda: Batizada de “peste gay”, a AIDS saltou do círculo homossexual e já é vista como “catástrofe”*. Editora Abril, SP, edição nº 949, nov. de 1986, p. 102.

<sup>2</sup> A utilização da palavra com grafia da enfermidade em letra minúscula é uma demanda dos setores ativistas, tendo assim o uso político visando diminuir o alarmismo da sigla em letra maiúscula. É necessário distinguir o HIV da aids, o primeiro é um retrovírus compreendido como agente etiológico, a aids é uma doença crônica causada pelo vírus HIV.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

da constituição dos campos de saber sobre a enfermidade como um fenômeno social, percebemos uma possibilidade de abordagem historiográfica a respeito da homossexualidade, sobretudo, o processo de controle dos corpos.

A *terceira onda*, sugerida no título da matéria, seria o terceiro aumento consecutivo dos acometidos pela doença. Assim, parece haver uma necessidade mais acentuada de controle, pois ao sugerir inicialmente que nem todos os indivíduos seriam potenciais portadores da doença, a fonte evidencia a motivação da conexão à um perfil como sendo portador da enfermidades. É neste cenário, que diversos agentes informacionais envergaram na construção de um discurso sobre a aids, sendo convenientes a tematizarem a homossexualidade ancorada na patologização de seus comportamentos sexuais (GÓIS, 2014, p. 210).

Desta forma, ao analisarmos minuciosamente a temática e o problema sugerido, percebemos uma ruptura no que se diz respeito a abordagem e a exposição discursiva sobre sexualidade. Lembremos que, no século XIX, a temática sexual estava sob silêncio, confinada ao registro das coisas “suas” e pecaminosas (FOUCAULT, 2018a, p.8). Na segunda metade do século XX, a sexualidade passa a ser propagada em meio à “liberdade dos costumes”. Esta “liberdade”, posteriormente foi caracterizada pela transgressão de um padrão normativo e pela suspensão dos tabus (SOHN, 2011, p. 132).

Assim, a década de 1980 nos é marcante para a compreensão de uma cultura que viveu, uma experiência de “*liberacionismo homossexual*”, na década anterior. Assim, percebemos que os discursos sobre sexualidade, que nascem no ceio das lutas e que provocaram mudanças, passa a interferir nos padrões políticos e sociais (TREVISAN, 2018, p.314). Observa-se que uma nova política acerca da sexualidade, que pode ser exemplificada pelos feminismos, pelas políticas gays e lésbicas, passa a questionar, de forma mais incisiva, muitas das nossas tradições sexuais. Esta nova política também oferece novas compreensões sobre as intrincadas formas de poder e dominação que modelam nossas vidas sexuais (LOURO, 2019, p.58). Com isso, não seria inoportuno pontuar, o quão sintomático ainda permanecem, as experiências que remetem a uma ideia de liberalização dos costumes. Bem como, o quanto essas experiências entram em um campo de disputa, não vinculadas com uma percepção de “espaço de oportunidade” (GREEN, 2019, p.405), pelo contrário, refletem uma tendencial relação de causa e

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

consequência. Como se o advento da aids tivesse sido fruto da libertinagem na década de 1970.

O discurso sobre a doença converge a uma associação com a sexualidade, evidenciando um deslocamento das narrativas sobre a doença para as práticas sexuais, enfatizando por exemplo, a necessidade do sexo seguro e restrições de determinadas práticas sexuais. Percebemos que ao realizarem esta ação, a imprensa buscava debater conformações de identidade sexuais e de práticas sexuais, de como de determinados comportamentos são pertencentes a grupos específicos de indivíduos. Por sua vez, essa ideia de pertencimento, é atravessada por relações de poder que surgem por intermédio do corpo. Um corpo, que a partir da revista *Veja*, é caracterizado como doente, mas que também é sexuado e marcado por culpa em razão de suas práticas.

Para além disso, não podemos esquecer que a enfermidade, inicialmente, é marcada por um discurso enigmático<sup>3</sup>. Dentro deste enigma, as narrativas sobre aids construíram e constituíram um saber não só sobre a doença, mas também sobre o indivíduo enfermo. Tais saberes, não se distanciam de indivíduos que não se encontram dentro do quadro de enfermo. Assim, a narrativa não se resumia em definir o enfermo e os seus comportamentos, mas chamar o leitor a reflexão sobre os seus próprios comportamentos.

Outra problemática a ser colocada em questão se refere aos aspectos sociais que envolvem a raça, gênero e a classe dos indivíduos dentro da construção das narrativas sobre a aids. Quando analisamos as notificações acerca da aids, começamos a perceber a ausência da multiplicidade de sujeitos, isso, enquanto notificação de casos. Se observa uma abordagem minimalista de aspectos que remetam à uma pluralidade de indivíduos expostos e acometidos pelo vírus. Com isso, embora haja constatação científica a respeito da indistinção do agente patológico no processo de infecção dos sujeitos, a revista retificar a idealização de que o vírus acomete majoritariamente homossexuais. Percebe-se então, de início, um apego da relação entre os casos de aids e os homossexuais da classe média, frisando também, mas em cunho hipotético, os homossexuais que consumiam hormônio

---

<sup>3</sup> VEJA. O enigma que mata: a terrível “síndrome da imunológica adquirida” (AIDS) avança nos Estados Unidos e faz sua primeira vítima no Brasil . Editora Abril, SP, edição nº ? , 15 de jun de 1983, p. 74

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

feminino. A partir da morte do estilista Markito, “que seria o primeiro grande nome entre várias centenas de pessoas a morrer de AIDS”<sup>4</sup>, percebemos que a sucessão de casos que remetem ao homossexual como sendo aquele que seria o principal alvo do vírus.

Por outro lado, a aids trouxe consigo uma exposição acentuada da sexualidade. Nunca se tornou tão público daquilo que era tão íntimo, o sexo. Ao analisar o contexto epidêmico a partir da revista *Veja*, Paulo César Castro de Sousa (2000, p. 11), compreende que a aids teve papel fundamental na exposição das questões da sexualidade. Segundo o autor, a aids transformou-se em um agente que torna a sexualidade pública. A imprensa, emerge então, como um agente que não só que tornou a aids inteligível, mas como que se transformou em uma ferramenta de reconstrução da sexualidade.

Somando a isso, percebemos que as narrativas sobre aids acabam revelando uma pedagogia, que reorganiza e hierarquiza os corpos, buscando inseri-los em um aparato disciplinar de “normalidade”. Assim, com o advento da proliferação de informações sobre a aids, pelos veículos de comunicação, a exemplo da revista *Veja*, percebe-se uma ampliação da discussão sobre sexualidade como uma forma tendencial de controle sobre os corpos. Concomitante a ampliação, nota-se uma aproximação dos discursos de sexualidade à ideia de risco, de que haveria uma ameaça, de um ataque à “normalidade” da cultura sexual. Ao notar o quanto esses discursos corroboram à estigmatização atribuída ao homossexual, é possível vislumbrar a existência de tensões discursivas sobre sexualidade. De um lado temos uma compreensão de sexualidade moldável e amplamente ligado à uma idealização biológica, do outro lado, temos uma sexualidade compreendida para além das conformações biológicas. É necessário, portanto, tecer uma análise atenta, atribuir um valor histórico, perceber que outros elementos de ordem cultural corroboram para um olhar historiográfico a respeito da sexualidade. Para isso, depreendemos antes de tudo, que os discursos sobre aids, ao tematizarem a sexualidade, não estariam revestidos de neutralidade, pelo contrário, seriam carregados de desejos e ambições, o uso discursivo, enquanto um poder institucional, busca impor uma ideia de verdade, incluindo e excluindo, de acordo ou sob influência de suas bases informacionais (FOUCAULT, 2014, p. 7).

---

<sup>4</sup> opcite

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## NÃO É MAIS AQUELA COISA SOLTA COMO ANTES...

Clodovil Hernandez, 43 anos, estilista, é chamado para comentar a respeito das suas mudanças comportamentais ocasionadas pela chegada da aids. O mesmo diz: *“Agora eu tenho receio, não é aquela coisa solta como antes. Eu não quero mais transar com pessoas fáceis, e as pessoas difíceis fecharam-se definitivamente com a doença”*<sup>5</sup>. O que seria essa “coisa solta” mencionada?

Ao longo de sua fala, Clodovil enuncia aspectos comportamentais próprios. Tais aspectos, contudo, ganham uma dimensão representativa geral, uma vez que o estilista se encontra dentro dos padrões que gerariam uma visibilidade maior a notícia. Com isso, a idealização de *peçoas fáceis* e *peçoas difíceis*, revela um pouco da trama e dos elances do meio homossexual. De certo, as percepções, de facilidade e de dificuldade, estariam sendo vinculadas ao sexo enquanto prática. A aids então, passar a renegociar as forma de se viver e de sentir o sexo, mas também os afetos. Antes da aids, a pessoa fácil e a pessoa difícil estavam no mesmo âmbito, a questão, no entanto, era acessibilidade e o desejo sexual. Depois da aids, qualquer pessoa seria passível à desconfiança de ser um portador do vírus HIV, levando os indivíduos a refletirem sobre a realidade social em que estão imersos, bem como nas dinâmicas de prazer e afetos atreladas ao sexo.

É interessante pontuar, contudo, que inicialmente a intencionalidade da narrativa é criar uma relação lógica entre as práticas sexuais e a aids. Uma vez estabelecida essa relação, busca-se estabelecer um perfil de indivíduos que estão imersos nessas práticas. O homossexual e o seu corpo são encarados como um território no qual o vírus se estabelece com maior facilidade. Porém, a aids é a apresentada como sendo que aquela que realiza “um nó nos costumes”. Costume, expressão essa, utilizada para estabelecer uma mudança de comportamentos sexuais em razão da chegada da aids. O costume estaria relacionado a uma ideia de periodicidade, que está vinculada a uma prática. As fontes dos costumes são as ações do cotidiano, uma vez considerado bom, tais ações passam ser executadas com frequência. Ao constatar que a aids impunha um “nó nos costumes” a Veja acaba expondo uma tentativa de renegociação do sexo e do prazer.

Nos chama a atenção, é o potencial bélico que a narrativa sobre aids adquire.

---

<sup>5</sup> VEJA. “Um nó nos costumes”. Editora Abril, SP, edição nº 884, 14 de ago de 1985, p. 67

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

favorecendo um retorno acentuado de uma moralidade, vinculada sobretudo, a necessidade mudança nas práticas sexuais atribuídas ao homossexual. Uma vez expostas, essas práticas sexuais passam a ser repudiadas, ganhando uma dimensão de pânico moral<sup>6</sup>, de anormalidade. As narrativas sobre aids estaria corroborando para uma reflexão a respeito do sexo, também, uma reflexão sobre si.

Assim, o que Foucault denomina como “tecnologia de si” (2003, p. 292) se revela promissor para a compreensão dessas práticas discursivas. Em suas narrativas sobre aids, percebe-se a partir do advento do discurso, que os indivíduos são levados a voltar a atenção para si mesmos, a decifrar-se, a reconhece-se e a assumirem-se como os sujeitos de desejo. Com isso, eles estabelecem de si para consigo mesmo uma certa relação que lhes permite descobrir no desejo a “verdade do seu ser”. Contudo, ao fazerem isso, esses sujeitos revelam e refletem que não se vinculam às regras estabelecidas, mas às suas próprias.

É dentro dessa compreensão que Jean Claude Bernardet (2001) vai perceber que a aids é, muitas das vezes, apresentada como uma troyada divina que viria reestabelecer a moralidade numa sociedade pervertida. Compreendemos então, que o objetivo dos discursos embebidos de moralidade é ser capitalizado pelos indivíduos. As narrativas estabeleceriam uma preposição onde os sujeitos se enxerguem como culpados por estarem enfermo. É dentro desse processo que ele interpreta que corre risco por ser homossexual. Tal compreensão nos é marcante pois algumas preleções expressavam uma moralidade, que vinculavam uma real necessidade de uma mudança entre o indivíduo, seu corpo e a sua sexualidade, como uma estratégia de fuga de um castigo, observemos:

“Tenho certeza que a reportagem sobre a AIDS respondeu a todas as interrogações dos leitores. Gostaria de acrescentar que a Bíblia já mencionava em Romanos, capítulo 1 e versículo 27, o seguinte: ‘E semelhantemente, também os varões, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, varão com varão, cometendo torpeza e recebendo a si mesmos a recompensa que convinha com seu erro’.”<sup>7</sup>

Tais discursos adquiriram múltiplos significados sociais e possuíram circulação

---

<sup>6</sup> O “pânico moral” é aqui compreendido como um conflito sexual de consequências graves, caracterizado como um “momento político” que promove forças difusas para transformação social (WEEKS1981:14-15).

<sup>7</sup> VEJA. Cartas: Jackson Rubem A. Santos (Irecê, BA). Editora Abril, SP, edição nº 886, 14 de ago de 1985, p. 67

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

na imprensa A partir do trecho, chegamos à conclusão, que uma ideia, seja pessoal ou coletiva, manifesta nos discursos sobre aids, estaria atrelado a um conjunto de valores e regras de ação proposto aos indivíduos e aos grupos sociais. Tendo isso em mente, as narrativas da aids ao pautarem as questões sexuais, buscariam estabelecer uma renovação das práticas sexuais. Fator esse, que coloca em evidencia as transgressões às forças sociais normatizadoras.

Ao traçarem aspectos de cunho normativo, os discursos promoveriam uma associação da doença com as práticas sexuais, insinuando as formas de atuação da doença sobre os corpos, vejamos o trecho abaixo:

“Com certeza a atividade homossexual entre homens é a via por excelência da transmissão do vírus. ‘O sexo anal implica rompimento de vãos microscópicos por onde se imiscui o vírus’. [...] o relacionamento heterossexual tradicional é potencialmente menos perigoso porque a vagina é mais resistente a fricção [...]” “Apavorante na AIDS é o fato de a doença ser fatal e, pelos menos teoricamente, evitável [...]”.<sup>8</sup>

Através de uma sequência lógica, o entendimento de que o homossexual, ao mudar o seu relacionamento com seus desejos e suas necessidades, estabeleceria uma possibilidade de se desviar da fatalidade da doença. Esse teor de mudança e de alteração, por sua vez, vai de encontro com as práticas sexuais heterossexuais. A homossexualidade, em suas práticas sexuais, estaria concebendo espaço para atuação do vírus, enquanto heterossexualidade fecha as possíveis possibilidades de acometimento pela enfermidade. A heterossexualidade, então, é colocada não como uma solução, mas como uma alternativa para se evitar a contaminação pelo vírus. Os discursos sobre aids almejavam não só construir os sujeitos com pressupostos de “normalidade” e “anormalidade”, mas também atribuir significado as identidades dos sujeitos (WEEKS, 2019, p. 56). Desta forma, o corpo, ao ser encarado como instrumento histórico no contexto epidêmico da aids, estaria sendo alvo de alteração e não de ressignificação, contudo, acaba adquirindo outros possíveis significados.

Consideremos o trecho a seguir:

É verdade que permissividade levou à destruição de alguns tabus dispensáveis e que de certa forma as pessoas se tornaram mais donas de suas vidas. [...] um dia voltam a vigorar aquelas normas que são parte constitutiva da natureza e

---

<sup>8</sup> VEJA. A multiplicação do Mal: a AIDS se espalha. Editora Abril, SP, edição nº 886, 14 de ago de 1985, p. 58

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

das aspirações legítimas da pessoa humana, da família e da sociedade. No momento tais princípios e dogmas se encontram, efetivamente no chão. [...] mal da AIDS não é um castigo de Deus contra aqueles que transgridem a lei natural do sexo. [...] Outra questão a ser levantada diante do mal da AIDS é a noção de pecado pessoal e pecado social. O primeiro individualiza o transgressor, o outro é mais de ordem estrutural, afeta o conjunto das pessoas.<sup>9</sup>

O trecho acima está presente em um artigo que é denominado *AIDS não é castigo de Deus*, na revista *Veja*. A passagem em destaque é o ponto de vista de um importante Cardeal, o Dom Avelar Brandão Vilela, caracterizado como modernizador. Compreendemos que a noção de *lei natural do sexo* colocada por ele, estaria associada a uma ideia de prática sexual que obedecem às “*aspirações legítimas da pessoa humana, da família e da sociedade*”. Essa associação é resultado da análise de um comportamento que era considerado *natural*, normativo, dogmático e moralmente aceito nos padrões religiosos, o que vai de encontro a ideia de heterossexualidade como um padrão de comportamento. O cardeal busca salientar que a doença, não é um castigo de Deus, porém deixa a entender nas entrelinhas pressupostos de normalidade. Desse modo, constrói-se a ideia de que os comportamentos sexuais que tangem a realidade da *natureza heterossexual* deveriam ser tratados como um produto de interferências sociais que contrariam a moral e que tiram a humanidade das pessoas. Seriam então, o homossexual um não humano em razão de seus comportamentos sexuais.

“Pelos suas características a AIDS está se transformando em um poderoso agente de reforma da sexualidade, moralidade do homem moderno. Abstinência ou monogamia sexual, uso de preservativo, cautela com drogas, fim do culto da magreza são apenas alguns indícios do que pode estar por vir”<sup>10</sup>

É importante salientar que a forma de lidar com sexo, separa o Homem pré-moderno do Moderno (DABHOIWALA, 2013). O surgimento de novas atitudes modernas em relação ao sexo no fim do século XVII e durante o XVIII, constituiu uma grande revolução. O período compreendido entre 1660 à 1800 é caracterizado como “uma grande mudança secular nas atitudes e comportamentos sexuais”, uma ideia de mentalidade moderna em relação ao sexo.

---

<sup>9</sup> VEJA. Ponto de Vista: AIDS não é castigo de Deus. Editora Abril, SP, edição nº 900, 4 de dezembro de 1985, p.178.

<sup>10</sup> VEJA. “Um nó nos costumes”. Editora Abril, SP, edição nº 884, 14 de ago de 1985, p. 67

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

A história do sexo é comumente tratada como uma história da vida privada ou de uma experiência corporal, se atentar a isso é, contudo, retificar os ideais iluministas de que o sexo é essencialmente pessoal e privado. Em específico, as formas de se lidar com sexo estão intimamente relacionadas as condutas de uma dada época. A revolução sexual, que se instaura a partir do século XVII, ajudou a criar modelos novos de civilização ocidental, cujo os princípios de privacidade individual, igualdade e liberdade continuam distintos em forma. Em nosso problema é mais importante, contudo, perceber como uma vez exposto, o sexo seja ressignificado e não reprimido.

As compreensões conceituais de enfermidades no âmbito historiográfico são múltiplas, as abordagens metodológicas também sugerem uma grande diversidade. A partir de Le Goff, compreendemos que a enfermidade é um possível objeto da história assim como o horror, o medo e os sentimentos de culpa, que acompanham as enfermidades e os enfermos desde a antiguidade (LE GOFF, 1997, p. 8). Passamos a interpretar que, enquanto atos discursivos, as informações sobre a aids sugeriam, impunham e almejavam um comportamento sexual.

Observamos, contudo, que a trajetória historiográfica que comumente orienta a produção da História Social da aids “foi, em boa parte, a história da culpabilização das suas vítimas. O medo, sempre se encarregou de impedir a evolução das mentes, transforma a AIDS, de fenômeno social, em uma enfermidade social e não física” (SAEZ, 2016, p. 77). Assim, a culpabilização do indivíduo se estende em uma gama de produções que centralizam suas problemáticas na relação entre o indivíduo e a doença.

Reiteramos que com o surgimento da aids, os diversos agentes de comunicação travaram uma disputa discursiva a respeito da enfermidade (GÓIS, 2014, p. 211). Assim, a disputa de narrativa ocorrida no início da epidemia da aids, que até então não era assim nomeada, baseou-se em atribuir nome à enfermidade e é nesse mesmo momento que diversas nomeações sugerem especulações a respeito da doença. Contudo, a dimensão atribuída a uma doença vai além de sintomas físicos; destarte, a enfermidade passa a ser um conjunto de experiências associadas a uma rede de significados e de interações sociais. Admitimos então, que esses significados poderiam ser constituídos culturalmente, sendo influenciados por uma série de aspectos, tais como as experiências individuais, a personalidade e o contexto socioeconômico.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

Dentro de sua vasta produção a respeito da História das Doenças, em especial a aids, Dilene Raimundo do Nascimento (2005), propõe uma abordagem que envolve a construção histórica do fenômeno patológico a partir de três esferas analíticas, a saber: *a manifestação no imaginário social, o conhecimento científico e as estratégias institucionais*. A partir da dimensão do imaginário social, percebe-se a complexidade das relações sociais sobre a aids, que remetem a uma preocupação com o disciplinamento dos corpos e com a vida sexual dos indivíduos.

Ao problematizar a sexualidade no contexto da aids, Richard Parker (2000) observa que havia uma ausência de criticidade ao se analisar as questões que giram em torno das práticas sexuais. A ausência de criticidade, por sua vez, seria o fato de que poucas pesquisas fundamentaram suas hipóteses no intuito de compreender o que se entende por comportamento sexual, fenômeno este, que corroborou para o estabelecimento de uma ligação não crítica entre a aids e as práticas sexuais. O que se percebe-se, no entanto, é que uma presença teórica à nível quantitativo de compreensão.

Para além dessa fundamentação, é importante chamar a atenção para o fato, de que, não trata de uma ausência de uma teoria sobre comportamento sexual, o que existe é um minimalismo. E em virtude disso, o desejo sexual é visto como uma pulsão humana básica, moldável e específica em distintos cenários sociais. Esse minimalismo teórico, nas décadas de 1980 à 1990, teria uma tradição de entendimento que concentra as preocupações sobre sexualidade como sendo de saúde pública (PARKER, 2000). É observável, que a todo momento o discurso médico busca responder as compreensões vistas sob o olhar de censura perante a moralidade da sociedade. Quer-se então, desmitificar e naturalizar o comportamento sexual humano, descrevendo-o de todas as formas possíveis, como expressões naturais do corpo. Ao definirem o que é sexualmente natural, atribuem uma não naturalidade para outras prática.

Em contrapartida, ao escaparem das normas heterocentradas e dos discursos que marcam binaridade, os corpos, poderiam denunciar e abrir espaço para uma multiplicidade de gênero, sexualidade e desejos, assim como, expondo identidades como aprisionadas ou como estranhas à normatividade - caracterizando uma subversão das normas. Ao pensarmos o teor pedagógicos dos discursos, o encaramos como um sistema social de controle, no qual se impõe ajustes a padrões sexuais e de identidade,

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

estabelecendo normas que regulamentem sua cultura, buscando produzir sujeitos que importam, mas também evidenciando os sujeitos que não importam – os sujeitos obscenos (BUTLER, 2019, p.13).

Ao transgredirem a pedagogia dos discursos sobre a aids, os corpos estariam subvertendo a norma, logo, adquirindo uma não importância. É em virtude disto, que se estabelece uma falsa impressão de que as compreensões de gênero teriam sido colocadas como critério transversais às políticas preventivas da doença, quando na verdade os aspectos de gênero estavam presentes, embutidos nos discursos de subversão das normas (SÁEZ, CARRASCOSA, 2016, p.148).

Desta forma, ao buscarem construir os sujeitos e suas práticas, as narrativas sobre a aids, envolveria linguagens, representações e símbolos. Nisso, ao tentarem inserir os indivíduos dentro de uma norma, os discursos evidenciariam com maior clareza as estratégias e as mobilizações de poder, de como as normas são feitas e como foram reiteradas constantemente. Com base nisso, os discursos contribuíram para que os aspectos vinculados aos corpos se convertessem em definidores de sexualidade.

É nesse sentido que a obra de Guacira Lopes Louro (2019) , nos proporciona um melhor entendimento do processo de transformação social que, perceptivelmente, a partir da década de 1970, alterou as formas de relacionamento e estilo de vida que estão ligadas a sexualidade. Assim, as novas tecnologias sexuais e reprodutivas, abriram novas possibilidade de transgredir as fronteiras sexuais, “subvertem as formas de gerar, de nascer, de crescer, de amar ou de morrer” (LOURO, 2019, p.10). Na mesma obra, Jeffrey Weeks (2019, p.52), irá salientar que a transformação social que culminara na transgressão das fronteiras sexuais, não é uma evolução natural da humanidade, pelo contrário, ela tem sido modelada dentro das relações de poder e que no contexto da aids, serviu para “cristalizar um conjunto de ansiedades sobre a mudanças no comportamento sexual” (WEEKS, 2019, p.100).

Nesse sentido, ao olharmos os discursos sobre sexualidade imersos nas narrativas sobre aids, nos anos de 1982 à 1986, percebemos uma nova configuração de poderes que advém com a chegada da aids no Brasil e como ela atuou, de modo que, buscou moldar as formas de como pensamos e conhecemos o corpo, propondo uma nova economia de poder que justifica uma tentativa de regulação social dos corpos e da sexualidade. Em sua

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

obra, Stuart Hall revela as limitações, as instabilidades contextuais e o entrelaçamento que existe na conformação de sujeitos como seres históricos. Nesse sentido, nos aproximamos da percepção da diferença como uma ferramenta de distinção que constitui o outro ao mesmo tempo em que ele é constituído pelos demais. Segundo esse autor, identidade deve ser entendida como o ponto de encontro entre os discursos e as práticas, e que interpelam o indivíduo a ocupar posição como sujeito social de discursos particulares (HALL, 2000, p.108).

Concluimos, que a intencionalidade narrativa da aids em construir o outro, o que põe em sequência a disputa social de agentes diversificados que constroem o corpo e as práticas do outro por intermédio da linguagem. Nos leva também, a refletir a respeito dos saberes sobre a aids que divulgaram verdades sobre os corpos e construíram a sexualidade dentro de duas preocupações principais, sendo: uma subjetiva, que reflete sobre quem e o que somos, e a outra social, pautada no bem-estar da população.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BERNARDET, Jean-Claude. Ser ou não ser não é a questão. In: PINSKY, Jaime. 12 faces do preconceito. 4º Ed – São Paulo: Contexto, 2001.

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Coleção: Sujeito e história.

\_\_\_\_\_. Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”. Tradução: Verônica Daminelli e Daniel Yago Françoli – 1º ed. São Paulo. Ed. n-1 edições. 2019.

DABHOIWALA, Faramerz. As origens do sexo: uma história da primeira revolução sexual. Tradução: Rafael Mantovani. 1. ed. São Paulo: Globo, 2013.

RICHARD. Parker, Na contramão da AIDS: sexualidade, intervenção, política. Rio de Janeiro; ABIA; 1ª ed; 2000.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade 1: a vontade de saber. 11ª. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2018.

\_\_\_\_\_. História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres. 13ª. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2018.

\_\_\_\_\_. A ordem do discurso. 19 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

\_\_\_\_\_. “A vida dos homens infames.” In: Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

GÓIS, J.B. H. Aids, Liberdade e sexualidade. In: QUADRAT, Samantha. Não foi tempo perdido: os anos 80 em debate. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

GREEN, James N. Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. Tradução: Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SAEZ, Javier. Pelo cu: políticas anais/ Javier Sáez, Sejo Carrascosa; Tradução Rafael Leopoldo. Belo Horizonte, MG: Letramento, 2016.

SOHN, Anne-Marie. O corpo sexuado. In: História do Corpo. As mutações do olhar. O século XX. VIGARELLO, Georges (org). Petrópolis: Editora Vozes, vol. 3, 2011.

SOUSA, Paulo César Castro. Tese. AIDS, mídia impressa e sexualidade: práticas e comportamentos sexuais em tempos de HIV nos discursos de Veja e Isto É. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

TREVISAN, João Silvério. Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia a atualidade/ João Silvério Trevisan – 4o ed. Ver., atual e amp. – Rio de Janeiro: Objetiva. 2018.

WEEKS, Jeffrey. Sex, politics and society: the regulation of sexuality since 1800. Londres/N.York: Longman.

\_\_\_\_\_. O corpo e a sexualidade. In: O corpo Educado: pedagogias da sexualidade/ LOURO, Guacira Lopes (org.); tradução Tomaz Tadeu da Silva – 4 ed.; 2. reim. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.